

2017/09/23

Guterres, Trump e a Assembleia Geral da ONU

Alexandre Reis Rodrigues

O risco de uma crise grave de relacionamento entre os EUA e as Nações Unidas era, desde a eleição de Trump, bastante elevado. Os sinais estavam muito claros à vista de todos e desde cedo. Aliás, desde mesmo a campanha eleitoral, quando o candidato Trump se queixava de a ONU não fazer o necessário para resolver os conflitos no mundo e anunciar que escolheria para embaixador alguém que desse um “abanão no sistema”.



Mais tarde veio a acusação de organização «fraca e incompetente, não amiga dos EUA nem de Israel» entre outros comentários, cada qual mais depreciativo. A nomeação de Nick Haley¹ - ex-Governadora da Carolina do Sul, filha de emigrantes “sikh” e, como Trump, muito cética da ONU - pareceu indicar que o discurso político de Trump acabaria por ser a política americana para a organização. Péssimas notícias para o recém-eleito secretário geral. Os EUA subsidiam cerca de 25% dos custos do regular funcionamento da ONU e 28% do orçamento separado das operações de paz² e Trump anunciava a intenção de fazer um corte de 40% na contribuição dos EUA.

A manter-se este quadro, a primeira Assembleia Geral de Guterres poderia facilmente tornar-se num evento muito negativo que acabaria por afetar o seu mandato. Mas não foi esse o desfecho. Guterres conseguiu convencer Nick Haley que as reformas que se propunha levar a cabo seriam a melhor resposta para as preocupações e queixas dos EUA e a embaixadora conseguiu convencer Trump de que não seria possível “promover o tal abanão” e ao mesmo tempo reduzir o contributo financeiro.

O Presidente concordou. Relutantemente - presume-se -, porque está assim a deixar transparecer as limitações e constrangimentos a que, como presidente, está sujeito para concretizar as suas ideias, o que não “joga” com a sua personalidade. Segundo, porque está, dessa forma, a distanciar-se de uma franja da direita americana que o apoia e que pensa que os EUA ficariam melhor fora das Nações Unidas do que dentro.³

Trump, porém, não tinha outra saída. As Nações Unidas são o único quadro possível em que ainda pode ter alguma esperança de evitar ter que passar a resolução do principal problema que tem em cima da mesa – Coreia do Norte - para as “mãos do Pentágono” como, aliás, já admitiu a embaixadora Haley. Opções militares, ao que

¹ Haley recusou a oferta do cargo de secretária de Estado mas está a tornar-se cada vez mais a face e voz da diplomacia americana, com Tillerson em continuado apagamento.

² Presentemente, a ONU tem em curso 16 operações de paz, a um custo total anual de oito mil milhões de dólares.

³ «*There has long been a crowd on the extreme right who thinks the United Nations, and all international organizations, are more dangerous to America than actual threats like terrorism and nuclear war. To them, membership in the U.N. represents a willing abdication of sovereignty*» (President Donald Trump just delivered the United Nations speech that ultra-conservatives have been hoping to hear for years.)

tem sido dito, não faltam, mas são todas assustadoras, como é sobejamente conhecido. Os EUA porão sempre a segurança nacional à frente de qualquer outra consideração - quem quer que seja o presidente - mas, neste caso particular, os condicionamentos são muito inibidores. Por um lado, a oposição da Coreia do Sul a qualquer ação que coloque a sua capital sob risco de destruição, onde aliás vivem cerca de 273.000 estrangeiros (mais de cem mil americanos). Por outro lado, o imprevisível desfecho da alteração do equilíbrio regional que ocorrerá se, de facto, se verificar uma intervenção militar. O caminho, portanto, terá que continuar a ser o das sanções e para essa finalidade as Nações Unidas serão o local certo para acertar a sua direção com que as potências que as podem boicotar ou tornar eficazes (China e Rússia).

O secretário-geral terá agora um ambiente mais favorável, quer internamente no seio do próprio "staff" da ONU, que olha com desconfiança para o que quer que possa mudar, quer externamente entre os estados membros. Não tem, porém, nada garantido nem muito menos livre de obstáculos. Mesmo até da parte de Trump, se este concluir que, afinal, a ONU não está a servir os propósitos de contenção da Coreia do Norte ou que nada acontece no campo de alguma desburocratização da organização.⁴

Guterres continuará, certamente, a ser muito cuidadoso, como mostra a primeira abordagem que fez ao tema. Para conseguir uma melhor coordenação entre o "*Department of Political Affairs*" (chefiado por um americano) e o "*Department of Peacekeeping Operations*" (cargo ambicionado pela China, mas presentemente sob a chefia de um francês) - uma questão que já o seu antecessor reconhecia ser urgente resolver - optou por propor uma reformulação dos seus termos de funcionamento em vez da junção dos dois num único departamento, como foi sugerido no relatório que lhe apresentou os resultados do estudo que tinha pedido. Evitou entrar no campo da competição entre os Estados membros para ocupação de lugares chave no secretariado.

O que acabará por ser implementado depende de discussões e negociações demoradas em que vão entrar fatores que pouco ou nada terão a ver com a procura de uma maior eficácia e redução da burocracia, mas o objetivo de tentar conseguir uma maior coerência político-militar na atuação no terreno vale bem o esforço a fazer.

Em qualquer caso, o âmbito das reformas propostas é limitado. Respeita apenas à forma como a ONU trabalha e como o secretário-geral desempenha as suas responsabilidades. Nada se abordou no campo da missão da ONU e da forma de participação dos estados membros e o que Trump disse no seu discurso em nada esclareceu a posição atual dos EUA no eterno debate entre a adoção de uma postura isolacionista ou de envolvimento ativo em política externa. Sabia-se que Obama defendia um modelo de maior cooperação e mais integração, mas não se sabe ao certo o que defende Trump, para além do reforço da soberania dos estados, o que, geralmente, é entendido como sinónimo de menor envolvimento em organizações internacionais. Como se concilia esta posição com a "luz verde" dada a Nick Haley para continuar a "investir" na ONU? Concilia-se apenas em função dos interesses do momento, não em razão de um pensamento e estratégia estruturados.

⁴ Guterres disse que é o assunto que mais o impede de dormir no evento organizado pela embaixadora Haley para Trump mostrar o seu apoio às reformas propostas pelo secretário-geral. Trump terá gostado de ouvir o secretário-geral mas não será uma afirmação feliz, muito menos correta. O que verdadeiramente poderá tirar o sono ao secretário geral devem ser as crises que não se resolvem, em especial as que estão a causar tanta destruição e morte.